

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**  
*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 35**

**2017**

**Nº 212**

**JANEIRO - FEVEREIRO**

*Não aderimos ao último acordo ortográfico*

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Página de Kardec</b>	<b>4</b>
1500-592 Lisboa	<b>Indulgência</b>	<b>7</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Lei de Renascimento</b>	<b>10</b>
	<b>Em que perseveramos?</b>	<b>11</b>
*	<b>Considerações(...)Eutanásia</b>	<b>15</b>
Director Responsável :	<b>O estranho legado...</b>	<b>21</b>
Manuela Vasconcelos	<b>A minha oração do final...</b>	<b>25</b>
	<b>O acendedor de Lampiões</b>	<b>25</b>
*	<b>Se soubéssemos</b>	<b>27</b>
Tiragem : 150 exemplares		
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

# EDITORIAL

Mais um ano começou e, como de costume, ao virar a página do “velho” para o “novo”, os votos repetiram-se: “Bom Ano!” “Feliz Ano Novo” “Que seja melhor que o que passou!”... e por aí fora, sem nos debruçarmos sobre as palavras que proferimos nem no significado das mesmas. E, no entanto, fazê-lo é quase uma obrigação para cada um de nós, como que numa análise ao acabado de viver-se e à atribuição da responsabilidade de tudo o que aconteceu.

Quantas vezes dissemos ou ouvimos dizer:”Sou infeliz por que Deus quer!” ... “Deus quer que as coisas sejam assim, não vale a pena tentar mudá-las...” e, nesta coisa de atribuímos a Deus tudo o que nos acontece de mal é colocar-lhe nas mãos (será que Deus tem mãos?... ) a varinha de condão do mal, com que Ele nos pune a todos... com e sem razão!

E, contrariando estes nossos pensamentos, o conhecimento da Doutrina grita-nos que Deus criou-nos para sermos felizes, e somos nós, com a nossa irresponsabilidade, dentro do livre arbítrio com que Ele nos dotou, que vamos escolhendo e fazendo o percurso do caminho a percorrer. Assim sendo, somos nós unicamente os culpados da nossa infelicidade e de tudo o que nos acontece de errado, porque mesmo o determinismo com que reencarnamos existe em função do que fizemos anteriormente e de como o criámos.

Quando recorremos ao Velho Testamento para ali procurarmos alguma coisa ou, unicamente, para recordarmos um bocadinho do que foi o passado distante, encontramos – quase que

em cada uma das suas páginas – um deus humano, completamente diferente do Pai que Jesus nos deu a conhecer, um deus quase tão imperfeito como o fomos naquela época – tão imperfeito que afirma, em determinado momento, estar arrependido de nos ter criado! Talvez, àquela data, ainda se não imaginassem os atributos de Deus!...).

Então – e voltando ao presente e ao Hoje – de cada vez que desejamos a alguém um Bom Ano estamos a esquecer-nos que somos os arquitectos do nosso próprio destino – apesar de sermos criação divina – e cada um terá os seus dias em função de como os quiser construir, com tolerância e compreensão, com revolta e desespero, com lágrimas e risos... sempre da maneira que quisermos que ele seja, porque os bons e os maus momentos somos nós que os criamos com a nossa maneira de ser.

Valerá, pois, a pena desejarmos uns aos outros que o ano seja bom? Pensamos que sim – não em função do desejo em si, mas para que escutando as nossas próprias palavras as registemos no nosso íntimo e delas nos lembremos no nosso dia a dia, quando uma ligeira indisposição nos bata à porta e façamos dela o pior de tudo o que nos podia acontecer!

Lembremo-nos de que, quando dizemos ou nos queixamos de algo que nos corre mal, lembremo-nos de que fomos nós próprios, com a nossa maneira de ser, que não soubemos contornar o acontecimento quando ele surgiu, e com o pensamento e uma atitude errada aumentámos imensuravelmente aquilo que poderia ser apenas uma advertência da nossa consciência ou do nosso Guia para a maneira como estávamos a conduzir o nosso dia...

E depois destas cogitações à volta de umas palavras simples, pronunciadas sem segundas intenções, deixem os nossos

queridos leitores que lhes desejemos com sinceridade: que este ano, ora começado, possa ser para cada um de vós bem melhor do que o anterior, mediante aquilo que cada um for capaz de “construir” para si próprio e para todos aqueles que vos rodeiem. Muita paz para todos.

## *A DIRECÇÃO*

\*

# PÁGINA DE KARDEC

*(Continuação)*

“O Livro dos Espíritos” fez com que fossem encarados por outra face: desprezaram-se as mesas falantes, que tinham sido o prelúdio e se ligou o fenómeno a um corpo de doutrina que compreendia questões concernentes à humanidade.

Da aparição do livro data a verdadeira fundação do Espiritismo, que até então só possuía elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance não tinha sido compreendido por todos. Também foi desde aquela época que a doutrina prendeu a atenção dos homens sérios e adquiriu rápido desenvolvimento.

Em poucos anos, as ideias espíritas contavam com numerosos aderentes nas classes sociais e em todos os países. O êxito, sem precedentes, é obra da simpatia que essas ideias encontram, mas também é devido, em grande parte, à clareza característica dos escritos de Allan Kardec.

Abastecendo-se das fórmulas abstractas da metafísica, o autor soube fazer-se ler sem fadiga, condição essencial para

vulgarização de uma ideia. Sobre todos os pontos de controvérsia, a sua argumentação, de uma lógica cerrada, oferece pouco material à contestação e predispõe o antagonista à convicção.

As provas materiais, que o Espiritismo fornece tanto da existência da alma como da vida futura, derrocam as ideias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos da doutrina, o qual decorre do precedente, é o da **pluralidade das existências**, já entrevista por inúmeros filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue e outros; mas tinha ficado no estado de hipótese, ao passo que o Espiritismo demonstra a sua realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais. O homem sabe assim *donde vem, para onde vai, para que fim está na Terra e porque sofre aqui* (o destaque é nosso).

As ideias inatas explicam-se pelos acontecimentos adquiridos em vidas anteriores; o caminhar dos povos explica-se pelos homens do tempo passado, que voltam a esta vida, depois de terem progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores, relações que ligam a grande família humana de todas as épocas aos altos princípios da fraternidade, da igualdade, da liberdade e da solidariedade universal, têm por base as mesmas leis a Natureza e não é mais uma teoria.

Em vez do princípio **Fóra da Igreja não há salvação**, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas e que tanto sangue tem feito correr – o Espiritismo tem por máxima: **Fóra da caridade não há salvação**, isto é, a igualdade dos homens perante Deus, a liberdade da consciência, a tolerância e a benevolência mútuas. Em vez da fé cega, que aniquila a liberdade

de pensar, ensina: **a fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade; para a fé é preciso uma base e esta é a inteligência perfeita do que se deve crer; para crer não basta ver, é preciso sobretudo compreender; a fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos, por querer impor-se, exigindo a alimentação das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio.** (Evangelho segundo o Espiritismo).

(*Continua*)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, edição Lake: Biografia de Allan Kardec).

\*

*Quando te sentires tão infortunado e tão pobre que não possas ajudar aos mais pobres e mais infortunados que tu mesmo, lembra-te de que o Senhor, relegado ao abandono e à carência no estábulo humilde, era louvado nas vozes dos anjos e marcado no céu pela luz de uma estrela.*  
- Eurípedes de Barsanulfo.

\*

# INDULGÊNCIA

***Para se alcançar os altiplanos espirituais, é indispensável praticar o bem incessante***

*“Não julgueis para que não sejais julgados; porque com o juízo com que julgardes sereis julgados e com a medida que tiverdes medido vos hão de medir a vós.” – JESUS. (Mt., 7:1 e 2).*

Não faz muito tempo, Eurípedes Barsanulfo encontrou-se com Jesus nos altiplanos celestes... O filho de Sacramento observou que Ele chorava mansamente e perguntou-Lhe o motivo daquelas lágrimas doloridas. Seria por causa dos Neros, Procustos, Hitleres e dos inúmeros ditadores impiedosos que massacravam povos inteiros? Levantando os olhos, aljofrados pelo pranto incontido, deixando transparecer no rosto sublime uma inefável e superlativa tristeza, o meigo Pastor Celeste respondeu suavemente, mas com indescritível angústia: *“Choro por aqueles que conhecem o meu Evangelho e não praticam os seus ensinamentos.”*

Indubitavelmente, o comportamento de muitas criaturas de hoje, mormente daquelas que se acham luarizadas pela suave claridade do ‘*Consolador*’, não condiz com as divinas instruções. Sempre o “*homem velho*” comandando os actos no proscénio terrestre! Sempre os fortes atavismos ligando-nos ao passado tenebroso no qual nos comprazemos regando esses veículos com o licor da intemperança!

Paradoxalmente, vemos e almejamos a luz, mas ainda nos comprazemos nas trevas, vinculados às idiossincrasias incrustadas em nossa economia espiritual e amealhadas ao longo do carreiro evolutivo.

É verdade que subir a íngreme montanha da espiritualidade é dever inscrito na consciência de todos, conquanto vergados ao peso da ganga da materialidade. Porém, com esforço e perseverança, lograremos o êxito nesse desiderato, bastando para isso *voltarmo-nos para o bem incessante sob a égide de Jesus* e seus sublimes emissários.

*“Espíritas amai-vos”*, eis o primeiro ensinamento. Não podemos conciliar este postulado com o descaso a que muitas vezes relegamos o nosso relacionamento com o próximo. Mais grave ainda é sairmos da indiferença para a falta de indulgência.

Jesus, em várias oportunidades leccionou a indulgência, levando-nos a raciocinar mais acuradamente sobre tão magna questão. Vejamos alguns de seus ensinamentos, nesse passo: *“Não julgueis para não serdes julgados; Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado; Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Vós sois o sal da Terra e se o sal for insípido, com que se há-de salgar?; Resplandeça a vossa luz; Tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão; Não pode a árvore boa dar maus frutos; Com a medida com que tiverdes medido...”*

Traído, negado, vilipendiado, martirizado e sob o guante de inenarráveis dores físicas e morais, Jesus, pulcro, impertérito e sereno, usou de indulgência, dizendo do alto do madeiro infamante: *“Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem.”*



Quando, na oração dominical dizemos: “(...) *perdoa-nos assim como nós perdoamos...*”, está implícito o compromisso do uso constante da indulgência. Estaríamos cumprindo fielmente esse compromisso?!

Em “*O Livro dos Espíritos*” Santo Agostinho oferece-nos <sup>1</sup> Oportuno manual de instrução que convém compulsar com a máxima atenção.

Segundo instruções dos Espíritos amigos, a sublimidade da essência dos ensinamentos cristãos é que elege o direito pessoal como o direito do próximo, daí duas diretrizes básicas indicarmos-nos o rumo certo: 1 – Fazer aos outros o que queremos que nos façam; 2 – Pensar no que faria Jesus se estivesse em nosso lugar nas diversas situações do cotidiano.

Assim, o nível de acertos aumentará e aos poucos iremos despojando-nos do azinhavre dos lamentáveis erros que ofuscam a nossa luz interior. Só assim conseguiremos as clarezas necessárias para iluminar as veredas pelas quais deveremos passar, consoante nossas necessidades de resgate e ascensão.

1 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 88 ed. Rio (Rio de Janeiro): FEB, 2006, q. 919-a.

**ROGÉRIO COELHO**  
(*Mauriaé – M. Gerais – Brasil*)

\*

# LEI DE RENASCIMENTO

Como um raio de lua, um raio à meia-noite,  
No denegrado claustro aos poucos penetrando,  
Em Praga, na vigília ardente meditando  
Das brisas ao açoite,  
À lembrança lhe vinha a lei do Salvador  
De Justiça e de Amor.

Recordava João Huss o velho Nicodemos,  
Dizendo a todo o povo:  
- Só pode ver a Deus quem renasce de novo;  
Todos que da verdade os testemunhos vemos  
(Que pelos séc'los vão)  
Da sua augusta voz e da revelação.

Em Constança, porém, condena ao novo mestre  
Dos novos fariseus a turba amotinada...  
Da tristeza terrestre  
Ascende para o céu su'alma alcançada,  
Fénix d'eterna luz!  
- O anti-Cristo vencia à sombra d'uma cruz.

A dívida já paga, a dívida d'outrora,  
Renasce o missionário alguns séc'los mais tarde:  
- Allan Kardec o sábio, o novo mestre agora.  
O fogo já não arde  
Nas piras infernais  
Do negro santo-ofício, entre as pragas e os ais.

E eis o Consolador, o prometido ensino

No tempo anunciado:  
Nova Revelação do Cristo muito amado.  
Eis a luz, d'esperança e fulgor peregrino,  
D'uma aurora de paz,  
Que nos trouxe o mestre e não se acaba mais.

Deus! Que a luz da verdade envias dos espaços  
Na Terra à fria mente – inspira-nos e ampara  
Os nossos débeis passos,  
Caminho do infinito, à distância pura e clara;  
Que da Revelação  
Guardemos sempre a voz n'alma e no coração.

**J. MAGALHÃES**

(In: Revista Espírita 'Luz e Caridade', do Centro Espírita com o mesmo nome, de Braga, Outubro de 1924).

\*

## **EM QUE PERSEVERAMOS?**

A constatação que Jesus repassou aos seus discípulos, conforme se lê em Mateus 9:37, dizendo: *A seara é grande, mas poucos os ceifeiros*, permanece válida nos dias de hoje.

Se por um lado se multiplicam as organizações, religiosas ou não, dedicadas a socorrer e auxiliar os homens, por outro há um fluxo crescente de padecentes, dando a impressão de que o sofrimento humano ao terá fim.

Indiscutível o quadro de dificuldades que retrata o mundo moderno.

Mas há que destacar, pelo lado dos *ceifeiros*, a necessidade da perseverança incansável.

O grande trabalhador do Cristo, Paulo, o Apóstolo, que padeceu toda ordem de dificuldades, de sofrimentos, de carências, de perseguições, mesmo tendo sido preso, agredido, apedrejado, não titubeou, não pestanejou na divulgação e vivência da mensagem da Boa Nova. Não desistiu! Persistiu! E venceu!

Ele, Paulo, além do seu exemplo pessoal, ensina: *Não nos desanimemos de fazer o bem, pois, a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos.* (Gálatas, 6:9).

Buscando manter o ânimo de todos nós em nível de operosidade, lembra-nos Emmanuel, Espírito, ao afirmar: *A perseverança é a busca da vitória!*<sup>1</sup>

E é dele, e na mesma mensagem, que emprestamos as citações:

*Não te canses de fazer o bem.*

*Quem hoje te não compreende a boa vontade, amanhã te louvará o devotamento e o esforço.*

*Jamais te desesperes e auxilia sempre.*

*Não olvides que ceifarás, mais tarde, em tua lavoura de amor e luz, mas só alcançarás a divina colheita se caminhares para diante, entre o suor e a confiança, sem nunca desfaleceres.*

Este início do nosso Editorial nos convida a reflectir sobre a afirmativa-convite de Jesus, em Mateus 24:13: *Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.*

A perseverança aqui enaltecida está dentro de um contexto com objectivo muito próprio: o Bem, em toda a sua amplitude, onde deva estar imperando: no indivíduo, no próximo, na família, na sociedade em geral.

Com isso, podemos perguntar-nos: *Em que perseveramos?*

A pergunta reflexiva é válida, porque, no dizer de Emmanuel<sup>2</sup>: *A atitude dos cristãos, na actualidade, porém, é muito diferente. Raríssimos perseveram na doutrina dos apóstolos, na comunhão com o Evangelho, no espírito de fraternidade, nos serviços da fé viva. A maioria prefere os chamados “pontos de vista”, comunga com o personalismo destruidor, fortalece a raiz do egoísmo e raciocina sem iluminação espiritual.*

*A bondade do Senhor é constante e imperecível.*

*Reparemos, pois, em que direcção somos perseverantes.*

Sem deixar margem para interpretações contraditórias, disse-nos Jesus: *Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.* (João, 14:6).

Não vacilar quanto à escolha do Caminho; não confundir quanto à Verdade a adoptar; não se permitir amolentamento na vivência da Vida verdadeira.

Por mais intensas as lutas e dificuldades pessoais, mesmo tendo tropeçado e caído momentaneamente de seus valores morais, *tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos*

*desconjuntados*, convoca-nos o Apóstolo dos Gentios (Hebreus, 12:12), e, seguros do Caminho, perseveremos.

E se sentirmos as forças esvaindo-se, visualizemos o Meigo Rabi da Galileia, convidando-nos: *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.* (((Mateus, 11:28).

Diante da incompreensão e do desprezo, que fale a Verdade que já conhecemos, que esclarece: *Os sãoos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes.* (Marcos, 2:17).

Se agredidos pela calúnia ou qualquer outra forma de afronta, passemos por esse percalço menor da vida e sigamos em busca da maior e verdadeira Vida, recordando Jesus, o Cordeiro de Deus, imolado na cruz da ignomínia: *Eu, porém, vos digo que não resistais ao mau; mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.* (Mateus, 5:39).

E, alevantados em ânimo e coragem, perseveremos, de nossa feira, dizendo a quem ouve: *Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça a água da vida.* (Apocalipse, 22:17).

Concluímos com a exaltação ditada por Emmanuel<sup>3</sup>:

*A luta é o meio. O aprimoramento é o fim.*

*A desilusão amarga. A dificuldade complica.*

*A ingratidão dois. A maldade fere.*

*Todavia, se abandonarmos o campo do coração por não sabermos levantar as mãos, de novo, no esforço persistente, os vermes do desânimo proliferarão, precipites, no campo de nossas mais caras esperanças, e se não quisermos marchar, de joelhos*

*desconjuntados, é possível sejamos retidos pela sombra de falsos refúgios, durante séculos consecutivos.*

Sempre em frente e para o Alto. Desistir, jamais!

1 – XAVIER, Francisco Cândido, *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 1993, cap. 124.

2 – Op. Cit. Cap. 39.

3 – Op. Cit. Cap. 99.

(In: JORNAL MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, nº 1584, Julho de 2016; artigo “Editorial”).

\*

## CONSIDERAÇÕES À VOLTA DA EUTANÁSIA

Do grego EU = bem ou boa; + thanatos = morte – ou seja, boa morte. Segundo o dicionário de Cândido de Figueiredo, significa *morte tranquila, sem sofrimento* – o que não é uma definição completamente correcta, quanto a nós, porquanto pode haver uma “morte tranquila, sem sofrimento” em alguém que não pratique a eutanásia, que é, afinal e ainda, a morte assistida.

Morte assistida? Sim, aquela morte que acontece quando a pessoa, não tendo coragem de praticar o suicídio directo, seja em função de uma doença terminal de que sabe não vir a recuperar a saúde, seja em face de qualquer outro motivo que o leve a procurar

a morte – o que já é mais raro pois aqui a atitude do outro será mesmo um homicídio -, mas sem coragem para pôr fim à vida (que só o consegue fazer face ao corpo matéria, dado que a vida continua), combina ou paga a um outro indivíduo para que seja ele a ajudá-lo a morrer.

Haverá alguma espécie de correcção nesta atitude?

Se quisermos pensar, antes de tudo o mais, na atitude do comparsa – seja ele um amigo, um familiar, um enfermeiro, um médico ou um ser pago para matar – a primeira questão que se põe é a moral, face à lei de Deus cujo V Mandamento diz precisamente: *Não Matar*.

O Mandamento não especifica nem quem é que o não deve fazer nem as circunstâncias – diz apenas e simplesmente: *Não matar*. Nesta concisão, qualquer um terá de concluir que o Mandamento é para todas as circunstâncias, para todas as pessoas, e, então, fica-nos a pergunta: se é para todas as pessoas, quais as consequências daquela atitude, quando procurada e/ou encomendada: como será ... *depois*? Sim, depois, porque – queiramos ou não – há sempre um ‘depois’ e nele cada um terá de assumir a responsabilidade do acto praticado – porque a vida continua e a morte provocada é, portanto, um crime cometido contra a lei divina – aquela que, queiramos ou não, está gravada na nossa consciência, conforme a resposta à pergunta 621 de O Livro dos Espíritos.

“Descartes, (em nota de rodapé de J. Herculano Pires, tradutor desta obra editada pela Lake), na terceira de suas *meditações metafísicas*, declara que a ideia de Deus está impressa no homem “como a marca do obreiro na sua obra”. Essa ideia de Deus é inata no homem e o impele à perfeição. (...) A lei de Deus



está na consciência do homem como a assinatura do artista na sua obra.”

Como é que o Homem, ser ainda tão imperfeito da Criação – aquele que continua a habitar o mundo de provas e expiações que é a Terra – como é que ele consegue, dentro da sua imperfeição e com a lei de Deus gravada na consciência, rebelar-se contra Aquele que o criou? Mas fá-lo apesar de tudo e, por que o faz, vamos tentar descobrir as consequências da sua conduta quando procura, pratica ou encomenda a eutanásia.

Em primeiro lugar, e sem falarmos já no quinto Mandamento, debatemo-nos com uma questão, para nós tão importante como a anterior: se a vida que queremos terminar não nos pertence mas nos foi emprestada por Deus, para a vivermos na Terra durante determinado tempo – mesmo dentro do livre arbítrio que Ele nos concede, teremos o direito de terminar com “uma coisa” que não é nossa? Não é Ele que a dá e termina (acaba) quando entende que é chegado o momento? Se é, se tudo não passa de “um empréstimo”, estamos abusivamente a terminar com uma coisa que nos não pertence.

Mas, para além deste conceito, pensemos ainda que a pessoa que procura quem a ajude, não acredita nem na existência de Deus, nem em Jesus nem em nenhuma espécie de vida espiritual: para ela, a morte é o fim e ponto final! E aqui, perguntamos: para que levou ele parte da sua existência estudando, para preparar o seu futuro?; trabalhando depois de um qualquer curso concluído, procurando sempre um lugar melhor na sociedade onde se inseriu mediante o curso que escolheu e desempenha?; criando uma família a quem transmite carinho, amor, orientação e normas de vida?; buscando soluções para o seu estado físico, quando uma qualquer doença, mais ou menos grave,

o acomete?; e, com tudo isto, satisfazendo as suas necessidades materiais e os seus luxos, adquirindo móveis e utensílios que lhe darão comodidade e satisfação pessoal e, ainda, as viagens de lazer que lhe apeteçam ao longo da sua existência?!

Se a morte é mesmo o fim de tudo, segundo o seu conceito, não será melhor matar-se logo aos primeiros sintomas de que está a ficar mais débil e que o corpo lhe transmite? E, para quê constituir família se, depois da morte “tem a certeza” de que nunca mais se voltarão a encontrar, porque cada um é pó que volta ao pó?

Realmente, se Deus não existisse e não fôssemos todos – TODOS! – Sua Criação, não valeria a pena viver as situações que, por vezes, se tornam tão degradantes como intratáveis, mas Deus existe e, porque existe e nos criou, a nossa Vida depende d’Ele e, embora tenhamos por nós o livre arbítrio, que nos concedeu ao criar-nos, somos seres inteligentes e, portanto, responsáveis pelos nossos actos... e de tudo o que fizermos de errado teremos, mais tarde ou mais cedo, de dar a nossa justificação – se é que se consegue justificar a maldade e o erro propositado – e sofrer as consequências dessas acções, porque, mediante a lei de Causa e Efeito que Jesus nos ensinou, “tudo tem de ser pago até ao último ceutil”.

Acreditando em Deus, sabemos que o acaso não existe e, não existindo, o que acontece a cada um de nós terá sempre uma razão de ser, em função da “criação errada” que tenhamos feito – criação no sentido das nossas acções, não só contra nós mas principalmente contra o nosso próximo. Não podemos lesar a ninguém – Jesus no lo ensinou quando entre nós, terrenos. Tudo aquilo em que prejudiquemos o nosso próximo, mais ou menos distante, terá que ser reparado – e em cada reencarnação que o

Senhor nos concede, vimos com uma parte de determinismo e outra de livre arbítrio. Dentro desse determinismo – deficiências, sofrimento, doenças, necessidades materiais, solidão, analfabetismo – a “sementeira” fomos nós, espírito imortal, que a fizemos em vidas anteriores e não vale a pena reclamar, pois chegou, agora, com qualquer uma destas situações, o momento da colheita.

Há, ainda, outros casos a assinalar: o das perseguições espirituais, ante os inimigos que criámos em vivências anteriores, a quem não perdoámos o que nos tenham feito, ou vice-versa, e que nos “descobrem” agora e aproveitam a sua situação de desencarnados, para nos perseguirem, cobrando-se do que entendem ter sido uma injustiça da nossa parte. E a maneira que eles escolhem para a cobrança é a mais variada e, por vezes, inimaginável. Mas cobram... e podemos julgar-nos doentes sem o estarmos, e podemos sentirmo-nos mal e nada ser captado do que sofremos.

E voltamos à eutanásia: em qualquer uma destas situações o homem, espírito fraco, quer fugir à dor, quer pôr termo àquilo que ele julga terminar com a morte – mas por que a vida continua, ele continua, do outro lado da vida, ACREDITE OU NÃO, a sofrer do mesmo que já sofria quando no corpo matéria, não porque tenha levado consigo esse mesmo corpo, mas porque o pensamento é criador e ele vai criando tudo aquilo porque já passou num corpo que já não possui mais mas onde julga continuar; e tem ainda, acrescido, o sofrimento que causou para si próprio, quando pôs fim à vida que apenas Deus tinha o direito de tirar... e se teve morte assistida, a pessoa que o assistiu é também conivente na morte praticada e terá, também, de responder pela sua participação na mesma.

E, lembrando as doenças terminais, perguntamo-nos ainda: e se, enquanto pensamos abreviar aquele sofrimento, surge um medicamento novo que o médico poderá experimentar em nós, com resultados positivos, mas já não o faz porque tomou conhecimento da nossa atitude, do que pensamos fazer e, para ele, podemos até já não sermos contáveis como pessoa e doente?

Até ao último segundo, a nossa vida está sempre nas mãos de Deus, e fugir-lhe será assumir uma responsabilidade de consequências extremamente pesadas. Mais vale o sofrimento de uns minutos que ter de se repetir tudo, numa nova reencarnação, porque o acontecido tinha mesmo de ser vivido... e ao que tem de ser, ninguém foge: quando muito, apenas protela.

Amemos a vida, por maior que seja o sofrimento que tenhamos, e vivamo-la de tal maneira que os “nossos passos deixem um rasto luminoso por onde passarmos, rumo às estrelas”, como nos aconselha Joanna de Ângelis.

A dor é sempre a grande Mestreira de cada um.

### **MANUELA VASCONCELOS**

*Sempre que te decidas a concretizar ideias e planos, na exaltação do bem, recorda que Jesus, o Governador da Terra, começou o apostolado da redenção humana no obscuro recanto da estrebaria. -*  
- BEZERRA DE MENEZES.

# **O ESTRANHO LEGADO DA CONDESSA DE SAINT-ANGE**

## **A pele de seus ombros serviu para encadernar um Livro de Flammarion**

Camille Flammarion, sábio astrónomo de reputação universal, glória da França e da Ciência e convicto espiritista, foi uma notável figura do seu tempo, e o seu prestígio provinha não só dos seus méritos de cientista, mas também da nobreza e rectidão do seu carácter. Podemos imaginar o que representou para ele o facto de ter vivido um dos mais estranhos romances que alguém possa viver.

### **Um Livro – Preciosa Recordação**

“Dans le Ciel et sur la Terre” era um livro da autoria de Flammarion que, preciosamente encadernado, dentro de uma bela caixa e junto de um punhado de violetas secas, ocupava um lugar especial num dos móveis do gabinete de trabalho do astrónomo. Esse volume era uma inestimável recordação dos amores de Flammarion com a fascinante condessa de Saint-Ange.

A condessa foi, durante alguns anos, verdadeira rainha dos salões de Paris. Não sendo formosa, no exacto sentido do termo, era, no entanto, uma encantadora mulher que trazia uma vasta corte de admiradores rendidos a seus pés. Dizia-se, então, que um príncipe real europeu estivera apaixonado por ela e que um Grão-Duque russo matara em duelo um príncipe búlgaro que, como ele, amava perdidamente a perturbadora jovem de Saint-Ange. Todavia, o facto de ser viúva rica de um homem trinta anos mais

velho que ela não provocava da sua parte o menor assomo de pretensão ou conduta equivocada, pois que todos lhe votavam rendida admiração.

### **Um amor que renasce**

Certa noite, numa recepção oferecida pelo Barão de Rotschild, quando o genial Flammarion, cuja fama começava a percorrer o mundo, foi apresentado à condessa, esta empalideceu ligeiramente; e, pouco depois, entre ela e o jovem astrónomo estabeleceu-se um prolongado colóquio. Ela havia reconhecido no sábio o homem que, alguns anos antes, fora a sua secreta paixão de adolescente e do qual nada mais soubera até então, desde que, bruscamente, fora levada pela família para Paris, onde, sem consultá-la, logo a casaram com o idoso senhor escolhido por seus pais.

O encontro dos dois jovens foi motivo de alegria para ambos; mas, tal como antes fora platónico o sentimento que os aproximara, assim haviam de continuar a ser as suas relações, pois, além da condessa ser uma autêntica senhora, de rígida moral e porte irrepreensível, Flammarion já era, então, casado com uma bela mulher que lhe merecia um acrisolado afecto.

Desde esse encontro, a condessa de Saint-Ange passou a ser a inspiradora do sábio. Ela *vive* em todas as mulheres ideais que figuram nas obras do famoso astrónomo que a ela se refere no prólogo de ‘Dans le Ciel et sur la Terre’ e em ‘Estela’ nos faz a história dos seus platónicos ~, românticos amores com a condessa, deixando-nos entrever o que teria sido a vida dos dois apaixonados se o Destino os não tivesse afastado um do outro.

### **A Herança Singular**

Os ombros da condessa eram magníficos de brancura e de forma. Flammarion não se cansava de os admirar. Um dia em que ele fora jantar a casa da senhora de Saint-Ange, exclamou:

- É pena que um dia estes ombros admiráveis se convertam em pó.

- É o destino de todas as coisas mortais, meu bom amigo – retorquiu ela. – Eu, como toda a gente, tenho de morrer; e estou certa de que partirei antes de si; assim, resolvi deixar-lhe a pele dos meus ombros, que tanto admira, para que alguma coisa de mim o acompanhe até ao dia em que tornaremos a reunir-nos, para eternamente nos amarmos.

- Mas isso seria uma profanação! – protestou Flammarion.

- A ideia nem sequer é original – contestou a condessa -. Em casa de Eugénio Sue vi um exemplar de ‘Os Mistérios de Paris’ encadernado com a pele de uma jovem que amou ternamente esse grande novelista. Estou resolvida a que a pele dos meus ombros sirva para encadernar um exemplar de ‘Dans le Ciel et sur la Terre’. Escura de opor-se; está escrito no meu testamento e aquele de meus herdeiros que se negasse a fazer cumprir esse meu desejo, perderia a sua parte.

- Cumprirei a sua vontade – disse gravemente Flammarion -. É uma herança a um tempo encantadora e lúgubre; porém, duvido que alguma vez eu tenha a coragem de contemplar a pele arrancada aos seus formosos ombros.

Pouco tempo depois, a condessa morreu. Os seus herdeiros, por muito que o encargo lhes tenha repugnado, cumpriram a

vontade expressa no testamento. Um deles, o barão de Vauchese encarregou-se, depois, de enviar a Flammarion o volume de ‘Dans le Ciel et sur la Terre’ encadernado, numa caixa forrada de brocado veneziano, onde pôs também as cartas escritas pelo sábio à sua amada espiritual.

### **Para além da morte**

A condessa mandara construir no parque da sua residência um magnífico observatório, onde os platónicos enamorados haviam passado muitas horas contemplando as estrelas e divagando sobre a pluralidade dos mundos e a transmigração das almas, doutrinas de que eram fervorosos crentes. Os dois apaixonados estavam persuadidos de que na sua existência anterior se haviam amado e tinham vivido juntos e que tornariam a reunir-se noutro mundo.

No cemitério do Père Lachaise, uma das sepulturas mais notadas era a da condessa de Saint-Ange, onde ela própria está representada na atitude de erguer com os seus belos braços, a tampa do sarcófago. Violetas, muitas violetas, sempre renovadas, cobriam-lhe a campa, mercê dos cuidados de Flammarion.

Uma vez por ano, o astrónomo visitava o castelo onde vivera a sua amada. Os herdeiros da condessa, no dia dessa visita, retiravam-se, para que o saudoso apaixonado pudesse entregar-se, sozinho, às suas recordações. Ele passava, então, muitas horas no observatório do parque, onde durante muito tempo se conservaram, no sitio onde haviam sido deixados, uma luva amarrotada e um ramalhete de violetas secas, que a condessa trazia consigo na última vez em que, com Flammarion, visitara o observatório.



E até 1925, data em que o sábio faleceu, manteve-se o culto daquele puro e casto amor que nem a própria morte conseguiu extinguir.

(In: Revista Portuguesa Estudos Psíquicos, de Maio de 1957, que transcreveu este artigo do ‘Diário Popular’, de Lisboa).

\*

**NOTA** : Não é costume nosso preocupar-nos ou transcrevermos notícias ou artigos que digam mais de “falar” do que de “ensinar”. Entretanto, este artigo despertou a nossa curiosidade pelo inusitado do caso e, sem que a nossa atitude signifique falta de respeito pela pessoa que foi Camille Flammarion, que respeitamos, admiramos e com cujos livros muito aprendemos.

*M. V.*

\*

## **A MINHA ORAÇÃO DO FINAL DO ANO**

Senhor Deus, dono do Tempo e da Eternidade, tudo é o Hoje e o Amanhã, o Passado e o Futuro.

Ao acabar mais um ano, quero dizer-Te obrigado por tudo aquilo que recebi de Ti.

Obrigado pela Vida e pelo Amor, pelas flores, pelo ar, pelo Sol, pela alegria e pela dor. Pelo que foi possível e pelo que não foi.

Apresento-Te as pessoas que, ao longo destes meses amei, as amizades novas e os antigos amores.

Os que estão perto de mim e aqueles que pude ajudar; as com quem compartilhei a vida, o trabalho, a dor e a alegria.

Mas, também, Senhor, hoje quero pedir-Te perdão. Perdão pelo tempo perdido, pelo dinheiro mal gasto, pela palavra inútil e o amor desperdiçado.

Perdão pelas obras vazias e pelo trabalho mal feito, perdão por viver sem entusiasmo.

Também pela oração que aos poucos fui adiando e que agora venho apresentar-Te; por todos os meus ouvidos, descuidos e silêncios, novamente te peço perdão.

Nos próximos dias começaremos um novo ano.

Para a minha vida diante do novo calendário que ainda não se iniciou, eu te apresento estes dias que só Tu sabes se chegarei a vivê-los.

Hoje Te peço para mim, meus parentes e amigos a paz e a alegria, a fortaleza e a prudência, a lucidez e a sabedoria.

Quero viver cada dia com otimismo e bondade, levando-a a toda a parte, e um coração cheio de compreensão e de paz.

Fecha meus ouvidos a toda a falsidade e meus lábios a palavras mentirosas, egoístas ou que magoem. Abre, sim, o meu ser a tudo o que é bom.

Que meu Espírito seja repleto, somente, de bênçãos, para que as derrame por onde passar.

Senhor, a meus amigos que leiam ou oiçam esta mensagem, enche-os de sabedoria, paz e amor e que a nossa amizade dure para sempre em nossos corações.

Enche-me, também, de bondade e alegria, para que todas as pessoas que eu encontre no meu caminho possam descobrir em mim um pouquinho de Ti.

Dá-nos um Ano Feliz e ensina-nos a repartir felicidade.

A. S. A.

(Irmão Amigo enviou-nos esta prece: achámo-la tão bela, que resolvemos partilhá-la com todos os que nos lerem, da mesma maneira que já a lemos, nas reuniões da nossa Casa).

\*

## **SE SOUBESSEMOS...**

*“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que Fazem.” – JESUS. (Lucas, 23:34).*

Se o homicida conhecesse, de antemão, o tributo de dor que a vida lhe cobrará, no reajuste do seu destino, preferiria não ter braços para desferir qualquer golpe.

Se o caluniador pudesse eliminar a crosta de sombra que lhe enlouquece a visão, observando o sofrimento que o espera no acerto de contas com a verdade, paralisaria as cordas vocais ou imobilizaria a pena, a fim de não se confiar à acusação descabida.

Se o desertor do bem conseguisse enxergar as perigosas ciladas com que as trevas lhe furtarão o contentamento de viver, deter-se-ia feliz, sob as algemas santificantes dos mais pesados deveres.

Se o ingrato percebesse o fel de amargura que lhe invadirá, mais tarde, o coração, não perpetraria o delito da indiferença.

Se o egoísta contemplasse a solidão infernal que o aguarda, nunca se apartaria da prática infatigável da fraternidade e da cooperação.

Se o glutão enxergasse os desequilíbrios para os quais encaminha o próprio corpo, apressando a marcha para a morte, renderia culto invariável à frugalidade e à harmonia.

Se soubéssemos quão terrível é o resultado do nosso desrespeito às Leis Divinas, jamais nos afastaríamos do caminho recto.

Perdoa, pois, a quem te fere e calunia...

Em verdade, quantos se rendem às sugestões perturbadoras do mal, não sabem o que fazem.

*EMMANUEL*

(In: FONTE VIVA, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, capítulo 38).

\*